

## **50 POEMAS ESCOLHIDOS DE ELMAR CARVALHO**



### **AUTOBIOGRAFIA ZODIACAL**

Sou do signo de  
Carneiro

Mas meu coração é um  
Touro indomável  
No meu sangue  
corre a fúria de  
Leão  
Entre uma Virgem e duas  
Gêmeas  
Meu coração / bala  
Balança  
Sou um Câncer  
nos chifres de  
Capricórnio  
Sou Peixes libertário  
sem o cárcere de um  
Aquário  
Sou Sagitário  
a  
r  
m  
a  
arco e flecha  
d  
o  
d  
e

(A flecha é uma cauda de Escorpião)

## A PONTE NA MEMÓRIA

O vento passavoante  
pássaro voante  
sob o arco-da-velha  
sob o arco da ponte.  
Baloíça os pés de oitis,  
joga confete com suas folhas  
e empurra o casario antigo  
com suas: arcadas dóricas  
volutas jônicas  
ogivas góticas  
sacadas exóticas  
com suas parábolas e abóbadas.  
O vento passalígero passalísio  
e empurra o casario antigo  
que navega parado  
no tempo que navega

como um mar que navegasse  
sob um navio ancorado  
que se deixasse navegar.  
Meu sonho de malas prontas  
é passageiro e tripulação  
do casario – navio que navega  
ao se deixar navegar.

## **O SEXO DOS ANJOS**

Que temos a ver  
com o sexo antisséptico  
dos inatingíveis e intangíveis  
anjos das hostes celestiais?  
Que temos a ver  
com os anjos machos e fêmeas  
de falos decepados e de  
vaginas obturadas?  
( A ânsia por asas e  
a sede de infinito.)

## **EMOÇÃO NO CIRCO**

*Para João Miguel e Elmara Cristina*

Pelas mãos tenras  
de meus filhos  
a magia do circo me chegou.

Atropelado por emoção e saudade  
meu coração foi atirado de  
lado a lado  
pelas piruetas de  
capetas e palhaços  
infiltrou-se nos malabares  
e me trouxe meu pai e o circo  
encantado de minha infância.

As lágrimas escorriam  
e eram estrelas e vaga-lumes  
que pingavam da cartola  
ensopada de um mago...

A lembrança de meu pai  
assomou da sombra do passado

suavemente sentou-se ao meu lado  
tomou-me as mãos  
as mãos de uma criança.

## **MOISÉS**

Escravo,  
não sou escravo da submissão  
e meu último adeus será uma corrida  
com os pés fora da corda-bamba.  
Escreverei  
um manifesto assinado  
com o sangue de cada um,  
com o suor de todos,  
todos mocinhos  
de um filme sem mocinhos.  
Escarnecerei  
os muros e os tetos das prisões  
porque são exceções de um regime de  
exceção.  
Escangalharei  
as portas do céu  
e os portões do inferno  
e soltarei a liberdade.

Parnaíba, 02.04.78

## **AMARANTE**

doce amaro  
    pródigo  
    avaro amarante  
    ante-amar-te  
    anti-amar-te  
antes sempre após  
agora  
sem agouro sem demora  
sem pressa e sem presságio  
    pé ante pé  
    perante tuas casas sonolentas  
diante das fráguas das serras  
que descerras em cortinas de azuis  
    descortinas neblinas  
na paisagem – plumagem/brumagem fixada  
na retina retentiva redentora do poeta

amarante  
amaranto de  
memórias atávicas de catimbós  
murmúrios ancestrais de urucongos  
requebros lascivos de velhos congos  
resquícios longínquos de quilombos  
encravados em abissais cafundós  
dos antepassados cativos altivos dos mimbós  
perante ti  
amarante  
a água escorre lacrimal  
pela sinuosidade do morro da saudade  
deságua na desembargador amaral  
e de val em val  
de sal em sal  
boceja nas bocas de lobo dos esgotos  
gargareja nas gargantas gosmentas dos gargalos  
mergulha e deriva singular  
nas águas plurais do parnaíba  
amarante  
perante ti  
imperante  
o vento verdeja agreste nos ciprestes  
rumoreja aguado nos aguapés  
sacoleja sem leste oeste  
a copa fagueira das faveiras  
tuas tardes tardas dolentes amaras  
abres das janelas  
debruçadas em melancolias  
e alicias e (re)velas  
as moças nas modorras mormacentas macilentas  
em que delicias cilicias e acalentas ...

## **CÂNTICO DO CORPO AMADO**

Teus cabelos  
às vezes são filigranas escorridas  
tecidas em pura maciez.  
Às vezes são algas e caracóis  
encrespados em ondas e espumas  
esculpidas pelo vendaval.

Tua tez  
revestindo a superfície  
veludosa e bela de tua carne

é película de esplêndida  
fruta tropical.

Teus olhos  
às vezes sombrios  
pelos enigmas e mistérios  
de tua alma de mulher  
às vezes resplandecentes  
pelo relâmpago do riso  
são dois lagos – calmos ou agitados –  
em que os meus imergem e se perdem.

Tuas orelhas  
são conchas  
em labirinto de perfeito lavor  
e nelas escutas e escuto as vozes  
dos búzios e o chamado do mar.

Teu nariz  
ergue-se em cordilheira  
e de suas cavernas  
emerge o vento de teu respirar.

Tuas sobrancelhas  
são arcadas góticas  
e teus cílios tessituras persas  
do frontispício de teu altar.

A tua boca  
onde as palavras lavras  
em forma de canção  
são retábulos e ornatos  
do sacrário de teu ser.

Teus sorridentes lábios entre-  
mostram o dique/arrecife  
de concha, ostra e coral  
do límpido colar dos dentes.

Pedestal firme e flexível  
de teu rosto é o teu pescoço  
- belo e singelo colosso.

Teus braços  
são baraços que

enforcam e fascinam  
serpentes que  
atraem e traem.

Tuas mãos  
são plumas e verrumas:  
afagam e esmagam.

Teus seios  
alçados em sublime formosura  
de tenras carnes e tênues epidermes  
são Olimpos  
que meus dedos alpinistas escalam  
para (re)colher o hidromel  
no céu dos mamilos sensitivos.  
Os pomos  
de teus seios tomo  
e eles me encham as mãos.

Pelas dunas do deserto  
de teu ventre fértil e belo  
encontro o oásis na cacimba  
de teu umbigo em que naufrago  
perigo e me embriago.

De teu umbigo  
minhas mãos e meus olhos  
correm e escorrem  
pelas vertentes e grotões  
de tuas passagens/paragens  
mais secretas e seletas  
e se saciam  
no frescor de tuas nascentes,  
onde estão o lodo e o húmus  
de um Nilo todo dádiva.

Na tecelagem da púbis  
- tapete mágico de penugem e babugem –  
e na fenda dos lábios  
que são pétalas e conchas  
recende a maresia  
que reacende a velha flama  
de um deus pagão.

Minhas mãos apalpam

tuas coxas roliças  
de macia carnação  
e descem pelas dobradiças  
perfeitas de teus joelhos  
circundam teus artelhos  
e giram ávidas em torno  
de teus pés de artesanal contorno.

Tuas pernas formam arcos  
de onde são arremessadas  
as flechas de meus braços  
em busca de outros acidentes  
geográficos anatômicos.

Tuas nádegas  
às vezes árdegas gazelas  
às vezes mansas aves de estimação  
às vezes retesas setas acesas  
às vezes quedas texturas de veludo e seda  
desenham arcos e penhascos  
rochedos e penedos  
desfiladeiros e socavões  
em que meus olhos  
de tamanha beleza se abismam  
na vertigem que alucina e ilumina.

Meus dedos  
cegos de tanto encanto  
tateiam e tenteiam  
se enlevam e se enleiam,  
pelos enlevos e relevos  
mimos e cimos  
atavios e baixios  
côncavos e recôncavos  
entrâncias e reentrâncias  
da geomagia de teu corpo.

Navegam minhas mãos  
pela sinuosidade litorânea  
da enseada de tuas ilhargas  
e do cabo bojador  
de tormentas e esperanças  
de tuas ancas – âncoras –  
e desbravam/devassam  
as volutas voluptuosas



de tua coluna (grega) dorsal  
e se perdem na voragem/miragem  
das ondas revoltas  
de teus cabelos.

Te. Dez.89

## **ELEGIA DO AMOR FINAL**

Teus braços  
que poderiam  
tudo me dar  
num simples abraço  
se fecharam para sempre  
para mim.  
E teus seios perfumados  
teus lindos seios sedosos  
não mais me abrigarão  
e neles não mais porei  
minha boca sequiosa.  
E teus olhos que  
poderiam devassar e possuir  
meu ser interior  
mesmo que me fitassem  
não mais me veriam porque  
para mim para sempre  
se fecharam com suas longas  
pálpebras de sonho e de medo.  
E tuas belas mãos  
tuas delicadas mãos para mim  
se fecharam e me esmurraram.  
E teus lábios  
teus lindos lábios  
emudecerem e se fecharam  
num longo beijo sempre negado.  
E teu sexo  
me foi sempre uma  
concha eternamente fechada.  
E teus cabelos  
à brisa eram lenço  
acenando em despedida.

## **PAISAGEM MARINHA**

Fecho os olhos

e encosto a concha do búzio  
na concha de minha orelha  
e escuto o ritmo frenético  
do mar  
ou lhe ouço o rouco ronco rolado  
de ondas paradas.  
Fecho os olhos e escuto  
a voz do búzio  
e de dentro de sua concha  
de cornucópia surgem  
ondas, espumas e areias,  
peixes, corais e caracóis,  
alados cavalos-marinhos  
e estrelas-do-mar e do ar  
em galáxias de a(r)mar.  
(Meu coração  
marinho sonha com sereias,  
ilhas, coqueiros e veleiros.)  
De dentro  
da concha do búzio  
sai um vento  
recendente de maresia  
que me  
leva/lava/lavra  
como se eu fora um  
fruto do mar.

## **A CASA NO TEMPO**

A casa vive em mim  
com os seus grandes medos  
e grandes sobressaltos  
com os seus porões  
e os seus alçapões cheios de ratos  
e gradeados por grandes teias de aranha.  
A casa vive em mim  
com seus insetos nojentos  
e com suas aranhas  
desenhando circunlóquios  
através das circunferências das teias  
repletas de arabescos e rococós.  
A casa vive em mim.

Vive em mim  
com seus gemidos

de fantasmas que  
arrastam correntes  
por entre ais doloridos.  
Vive em mim  
com suas lamentações de suicidas  
que gemem e gemem.  
Vive em mim  
com os ruídos de passos misteriosos  
com suas portas e  
janelas que se abrem  
e fecham por mãos invisíveis.  
Vive em mim  
com os ruídos cadenciados  
de botas que passam  
passam no limiar  
do grande mistério  
entre o ser e o  
não ser.  
A casa é um navio fantasma  
que navega no tempo e na memória  
com seus pios de corujas  
e seus arrepios de  
esvoaçantes morcegos e  
esgarçantes rasga-mortalhas.

Ai, casa dolorosa  
de infinitas recordações  
do não acontecido e  
do não vivido.  
Casa que não existiu  
mas que permanece de pé  
em minha lembrança  
com seus escombros  
com tuas teias de aranhas  
com seus lodos desbotados  
e com suas heras que se fecham  
como dedos, tentáculos ou raízes  
para que ela permaneça para sempre  
com seus sustos, com suas angústias  
e seus medos.  
A casa sempre persistirá  
nas músicas passionais de algum boteco  
criando ressonâncias que repercutem  
insistentemente como eco.

## **OLHOS**

Olhos de lã  
e de lâminas.  
Olhos de punhos de seda  
e de punhais de aço.  
Olhos de ver  
e de verruma.  
Olhos de amar  
e de amargor.  
Olhos de fada cruel  
e de fado terno.  
Olhos que me deram o céu  
e o inferno.  
Olhos de antítese:  
eram bálsamo  
e me fizeram mal.

## **O BÚZIO**

o búzio  
- pequeno castelo  
ou gótica catedral -  
sobre a mesa avança  
envolto em ondas e vendaval

anda ondulante  
onda cavalgante  
onda ante onda

atraído pelo chamado  
do mar avança  
chamado que carrega  
nas espirais e labirintos  
de sua concha côncava

avança e  
lança sobre mim  
a tessitura exata  
de sua arquitetura  
abstrata e surreal

avança  
unicórnio lendário  
protuberante

rinoceronte bizarro  
surfista extravagante  
em forma de chapéu

lentamente  
avança co-movido  
pelo chamado das ondas  
que em si encerra  
em seu ventre vazio  
onde o vento em voluteios  
é a própria voz do mar

oh, búzio caprichoso  
como as curvas e volutas  
de um corpo de mulher...

Inhuma, 29.07.98 – 06:00h

## **MULHER NA LAGOA DO PORTINHO**

Na tarde antiga  
de sol e bruma  
de luz e penumbra  
as dunas mudaram  
de cores e formas.

Os belos olhos esplendentes –  
pálidas cálidas opalas ou  
esmeradas esmeriladas esmeraldas –  
da mulher bonita  
de sinuosas dunas e viagens  
furta-cores furtaram  
outros tons e sobretons.

Ainda guardo a memória viva  
daquela tarde morna e morta  
e ainda vejo aqueles olhos vivos  
furtando furtivos cores e atenção.

E os olhos e as formas curvilíneas  
permanecem intactos no tempo  
que em mim não passou.

E a mulher, acaso passou,  
nos escombros das formas

transitórias da beleza?...

## **NOTURNO EM DOR MAIOR**

na noite ca'lad(r)a  
um cão ladra  
sem resposta  
um galo canta  
sem o eco doutro galo  
um vaga-  
lume vaga  
sem lume  
vaga-  
rosa/mente  
demente  
na noite vaga  
uma ave  
noctívaga  
navega  
na vaga  
do m'ar sem movimentos  
nos cataventos  
sem ventos  
e de mirantes  
sem mira/gens  
a morte espreita  
nos olhos vidrados  
do enforcado.

## **ENIGMA**

entre o som  
o sono  
o sonho  
a sombra e a sobra  
eu me decomponho  
em escombros  
em farpas e agulhas  
escarpas e fagulhas  
desfeito enfim  
em fogos de artifício  
feito estrelas de mim  
esfinge autoantropofágica que  
não se decifrou e que a si  
mesma se devorou

## MAR(ULHO) NO TABOCAL

Manhosa  
manhã de domingo.  
Sorvendo  
solvendo uma cerveja  
estupidamente gelada  
sob a sombra redonda  
redoma levemente  
verde-transparente  
o sol ruiva  
o vento uiva  
    ondula e marulha  
nas afiadas espadas e agulhas  
    do tabocal  
e me emerge um mar  
    imerso no temporal  
quebrado nos arrecifes  
    esvaído no tempo  
e nas distâncias esquecidas.

Te. 23.06.91

## A FOME

### I

    a fome  
que come  
e consome  
o “home”  
    mora  
em sua víscera sonora  
        e o devora  
    como uma flora  
        cancerosa  
            rosa carnívora  
    que aflora e o deflora  
de dentro para fora.

### II

a fome é tanta  
e tanto espanta

que o ex-grevista de fome  
hoje é grevista com fome  
– ou melhor – desempregado  
pregado na miséria

de ser gado sub/ju/gado  
fis/gado vis/gado k/gado

## EGOCENTRISMO

espirrei  
na réstia de luz  
da janela do meu quarto  
e fiz surgir um  
arco-íris  
arco-do-triunfo  
sob o qual  
napoleonicamente passei  
sobre o qual caminhei  
em busca do  
velocino de ouro  
coroadado com o  
l'ouro  
de minha própria  
alquimia

## TRABALHO DE CESTARIA E RENDA

tramas e tramóias  
arma(dilha) a(r)mada  
a(r)mada arma(dilha)  
entocadas nas tocaias

amantes amadas  
amando (tr)amando  
entre teias e r'amas  
com as armas a(r)madadas

entre rendas e redes  
a engrenada moenda  
do amor entrelaçado

faz uma teia de renda  
em forma de rede de pe(s)car  
e me amor(tece) e me amor(daça)



## **SEX-APPEAL**

Movo até o teu  
meu amoroso coração  
- ânfora de lágrimas e solidão.

Teu olhar me revida  
com uma impresentida carícia  
referta de promessas e delícia.

Teus olhos escorregam macios  
das penumbras dos cílios armados em cílios  
e afagam minha pele  
erizada em arrepios.

Meus anseios  
desvelam tuas vestes  
e revelam os empinados penedos  
sedosos de teus seios,  
sem medos  
e sem receios,  
e devassam em  
tênuos e tímidos acessos  
os teus mais secretos  
úmidos e diletos recessos.

E eu te desejo mais que tudo,  
mas me contenho e me abstenho  
e me deixo ficar inerte e mudo...

## **POEMA DA MULHER AMADA**

Amada mulher fatal  
o teu amor embora servido  
em pequeninas doses é letal  
mas eu o tomo lentamente  
como um néctar de veneno  
em longos e lentos goles (sereno)  
como ópio em lenta mente

Mulher amada o teu amor  
conquistador e guerreiro me toma de assalto  
e nem me deixa a oportunidade  
de esboçar o meu espanto  
e ensaiar o meu sobressalto



logo após em regressão  
a explosão do átomo primordial.

## II

Meu anjo da guarda  
em sete anjos transmudado  
minha guarda de honra revistava  
e com sua espada de fogo  
ou raio laser  
franqueava-me a entrada  
da gruta dos leões  
enquanto Daniel dormia  
à minha sombra.

## MARÍTIMA

Do mar eu trouxe  
o vento que dança  
em torno de meus cabelos.  
Trouxe este meu cheiro  
de sal, mariscos e maresia.  
Vaqueiro fui e fazendeiro  
de estrelas-do-mar que  
subiram ao céu para formar  
constelações e galáxias.  
Nas pontas agudas de meus dedos  
cintilam fogos-de-santelmo.  
Meus olhos têm o brilho  
que roubei das ardentias.  
Os relâmpagos das procelas  
pousaram nas minhas mãos  
e nelas se aninharam.  
Do ritmo do mar eu trouxe  
os meus gestos e o meu jeito de falar.  
Num lance de búzios  
joguei minha cartada final  
em que fui anjo terminal.  
Do mar eu trouxe a cantiga  
do vento na voz dos búzios.  
Sobre o dorso de alados cavalos-marinhos  
pesquei sereias malévolas que me  
encantaram e depois fugiram.  
No vai-e-vem das ondas  
busquei o meu gesto de

posse e devolução.  
Trouxe o meu beijo temperado  
no salamargo de suas águas.  
Trouxe tesouros sepultos  
nas covas do coração.  
Com o mar aprendi meu modo  
de caravela: meus dedos  
são filamentos que machucam  
sem querer, que ferem  
sem ter por quê.  
Trouxe caracóis que se (con)fundiram  
com os caminhos labirínticos que trilhei.  
Louros, nunca os tive,  
exceto algas em meus cabelos.  
Arrebatado por navios fantasmas  
conheci várias e inefáveis dimensões.  
Nadei contra as correntes marinhas,  
mas a elas cansado me entreguei,  
despojado da púrpura e do cetro  
com que havia lutado.  
Trouxe do mar as conchas ilusórias  
– multiformes e multicores –  
com que minha vida enfeitei.  
Mas sobretudo trouxe a vida  
na alegria das chegadas  
e na tristeza das despedidas.

## **O POETA E O INSETO**

Uma música longínqua  
e melancólica cria ressonâncias  
na concha acústica de minha alma.  
A bebida eu a tomo em longos goles.  
Um inseto pousa sobre  
a mesa e me faz companhia.  
Sorve um trago da porção/poção  
(derr)amada. E se embriaga.  
A tristeza imensa me deixa cruel:  
enxoto o pobre inseto bêbado que  
ensaia um atropelado vôo. E cai.  
A tristeza continua a crescer e a cair  
em minha alma como infiltrações de estalactites  
em (f)urna mortuária .....

## **GRAN FINALE**

Desmanchei  
com minhas mãos  
que os criara  
os deuses em que cria.  
Desfiz  
a imagem que fizera  
da mulher amada.  
Perdi a fé em tudo  
como quem nada perde.  
Depois  
gritei, berrei,  
chorei gargalhando  
e resolvi ficar louco.  
Depois de doido,  
resolvi tentar a sorte  
    sal –  
        tan-  
                do de cabeça  
do alto do arranha-céu.

Parnaíba, 15.06.78

## **BARRAS DAS SETE BARRAS**

*Ao historiador e amigo  
Dr. Wilson Carvalho Gonçalves*

Barras ...  
Barras do Marataoan ...  
Dos cânticos de pássaros  
e cântaros e címbalos de águas  
em cantatas e cascatas  
no rocío róseo-violáceo da manhã.  
Barras das sete barras  
– candelabro de sete braços de prata  
líquida a escorregar macia  
no dorso duro das pedras.  
Barras do Longá alongando-se  
e se estilhaçando em rondas de lãs  
                em rendas de espumas  
nos bilros das pedras tecelãs.  
Terra dos Governadores,  
    do desgoverno das dores  
das ciliciadas paixões

deliciadas na Ilha dos Amores.  
Terra de uns olhos fluidos,  
feitos de mágoas, magia e garrice,  
embebidos na ciganice das águas.  
Terra dos milagres da Alda,  
a que morreu virgem,  
na vertigem de um sonho  
que num átimo se fez e desfez.  
Barras da barragem  
– miragem verdoenga  
de minha origem/aragem avoenga.  
Barras de risos e de ais  
de sempre e de jamais.  
Barras das sete barras  
Barras dos sete punhais  
de rios que se tecem pavios  
e desvários de réquiens  
e exaltações, lembranças  
e exalações ...

## **VIDA IN VITRO**

andavas pelas ruas de outrora  
à procura de ti mesmo  
que se encontrava aos pedaços  
bêbedo nos bares  
aos trancos e barrancos  
se arrastando pelos lupanares  
tortuosamente andando  
pelas ruas tortas.

eras infante e juntavas varapaus  
no sonho maluco de tocares  
a lua cheia que depressa minguava.

levantaste a túnica da freira  
não por sacrilégio ou impudência  
mas apenas para constatares se  
ela possuía duas pernas e dois  
seios como todas as mulheres.

eras infante e quebraste  
o João teimoso, não por maldade,  
mas para descobrir o misterioso  
mecanismo de sua teimosia.

não, não eras doido, não eras lúcido,  
eras apenas um translúcido menino.

escondias tuas vergonhas, tuas frustrações  
e teus medos, como todos nós, como se esconde  
lixo debaixo dos tapetes de luxo.

recordas a menina que te golpeou  
com um não, apenas por capricho e maldade.

recordas a garota que te amava  
e que desdenhavas talvez por capricho ou vingança.

eras poeta e criaste uma quimérica  
amada imortal e imaginária, inatingível  
em sua torre de marfim.  
ela talvez também te quisesse,  
mas a fizeste intocável.

enternecido, lembras-te da empregadinha  
que bolinaste, e que por bondade, amor  
ou desejo não te denunciou, com alaridos  
e gritos histéricos, estridentes.

eras jovem e te julgavas alexandre  
e bonaparte, senão mesmo um deus,  
e já seguravas a coroa de ouro e o cetro  
e já acariciava tua frente o louro triunfal.

tudo eram conquistas e tudo conquistavas.

eras jovem e eras frágil  
e te sentias impotente quando  
contornavas as calçadas de ouro dos hotéis de luxo  
ou quando avistavas a menina rica e bela,  
com as suas jóias e as suas roupas elegantes e caras.  
não sabias de seus desejos, de suas ânsias  
e doenças e de seus nojos de si mesma.  
talvez ela te amasse, mas o teu orgulho  
a fez afastar-se de ti.

ainda procuras o trolley que desviaste  
com teus amigos, para uma aventura sem fim  
até que os trilhos paralelos

se tocassem no infinito.

ainda assistes a filmes de bang-bang  
só para sentires a emoção do tempo  
em que teu pai te levava para o reino  
encantado e mágico do velho cine nazaré  
que em tua memória ainda remanesce.

sentes ainda o cheiro dolorido e pisado dos alecrins  
da paixão do senhor morto, do horto das agonias,  
das chagas vermelhas, maceradas, da túnica  
roxa, brilhante, da coroa de espinhos, dos cravos,  
não os de cheiro, mas os de ferro, que ferem...  
eras infante, então, e como sofreste  
e como fizeste sofrer tua mãe, madona,  
mater dolorosa e pietá sofrida e consoladora  
de teus sofrimentos de então e de sempre.

buscas os cheiros embriagantes dos  
brancos lírios de são José e das rosas vermelhas  
do velho caramanchão de antigamente.  
os lírios se transformaram em cálices  
de amargura e nas rosas depositas  
o orvalho de tuas lágrimas pelo mundo  
perdido num canto escuro do passado  
e que não restauras, nem mesmo no  
terceiro ou no sétimo dia de tua agonia.

a magia da música e dos álbuns de família  
te trazem alegres e pungentes recordações  
e te fazem viajar no tempo e no espaço  
do turbilhão das mesmas emoções.

solitário, no silêncio da noite  
pensas nos segredos, vícios  
e incestos existentes na cidade,  
nas feridas abertas pelos mais acerbos sarcasmos  
e nos espasmos de brutais e homéricos orgasmos.

passeias pelos becos e logradouros do passado  
e eles te conduzem ao tempo  
que buscas em desespero.

perdido e cego caminhaste pelos labirintos,  
teseu e minotauro de teu próprio destino,



nos confrontos que travaste com teu ego.

esfinge e Édipo, não decifreste  
teu enigma, e em vão buscaste  
as pitonisas de outrora e de agora,  
e inutilmente foste teu próprio ilusionista.  
mas eras sábio e em algum momento  
te reencontraste, ao te tornares  
mais simples e mais puro,  
malgrado as pedras, os lodos e as quedas.

em vão tapaste os ouvidos  
para as palavras que te feriram  
e inutilmente selaste a boca  
para as palavras ferinas que proferiste.

não, não eras anjo nem demônio,  
eras apenas um deus de barro  
e teu sonho secreto e sagrado  
foi sempre a transcendência  
mas decepado de uma das asas  
foste sempre um anjo torto coxo  
capenga no a esmo vôo sem pontaria.

procuras ainda a pedra azul  
de tua serra encardida.

esperas ainda no pátio da igreja  
o ônibus que sempre vinha  
demasiado cedo ou demasiado tarde.

lamentas a namoradinha jovem e esbelta  
que envelheceu e engordou.  
debalde procuras a sua cintura  
para ternamente lhe pousares as mãos.  
antes não mais a tivesses revisto.

ainda buscas a namoradinha  
de uma noite de verão – ou inverno,  
não importa, nada mais importa agora.

caim arrependido, pedes perdão:  
já não suportas o onisciente olho do Senhor.

sofres pesadelo pela matemática

que te torturava, e acordas suado, ansioso.

procuras o batente da calçada de outrora  
onde te cevaste nos lábios e nos seios da amada.

reencontraste a mulher que te amou  
sem esperança, em face de tua indiferença,  
e chafurdaste em sua carnívora rosa de carne,  
talvez para feri-la novamente,  
agora com a fúria e com o tédio.

devias estar feliz. realizaste teus sonhos  
de consumo. tens uma boa mulher.  
teus filhos são maravilhosos. tens  
um bom emprego. no entanto ainda  
não estás saciado. esperas um milagre  
mas não sabes se os milagres ainda existem.

estás perdido: tens inveja de Deus  
e não sabes se é virtude ou pecado.

equilibrista, caminhas com teus malabares  
e alforjes por uma corda-bamba estendida  
de menos infinito a mais infinito.

caminhas para a morte.  
muitos dos teus amigos já são mortos  
e te procuram com insistência.

infante, desejavas crescer  
para realizares os teus sonhos de conquista.  
adulto, queres retornar ao país de tua infância.

não sabes o que queres.  
queres apenas morrer, esquecer.  
queres viver eternamente num mundo  
que não é o teu. contudo, tens esperança  
e agora teces um poema sem fim  
com o novelo infinito de tua vida  
que se desdobra do nada ao tudo...

## **AUTO-APRESENTAÇÃO**

eis como sou  
neste instante único

(após o qual já  
serei um outro):

um homem que rema  
no seco contra  
a corrente das águas

um homem que usa  
a gravata como  
se fora um braço  
nas horas de opressão

um homem que escreve  
torto por  
linhas certas

um homem que sobe  
e teima contra  
a lei da gravidade

eu sou aquele  
que aprendeu  
a pecar para  
ter a humildade  
de não ter uma  
virtude

eu sou aquele  
que jogou roleta  
russa com o tambor  
cheio de balas e  
apostou contra a  
sorte

eu sou aquele  
que lutou para  
não ser

## **ETERNO RETORNO**

memória:  
lâmina de desassossego  
cornucópia insana insaciável  
a jorrar o passado  
que não morre nunca

sempre ressuscitado  
no eterno regresso  
a nós mesmos.

ó emoções redivivas  
e ampliadas  
das sensações  
de nervos expostos  
nas carnes pulsantes  
de um passado  
sempre lembrado.

recordações  
que dão e são vida  
de becos escuros, sem saída  
de amores  
    hoje boleros  
        bolors em flores  
de ilusões perdidas  
que se fazem dores  
na florida ferida da saudade.

evocações  
de dribles esquecidos  
de gols frustrados e acontecidos  
de um jogo que nunca termina  
de uma malsinada sina sinuosa  
de lágrimas caudalosas  
incontidas, vertidas  
das vertentes profundas  
do peito – porto  
sem tino e sem destino  
feito somente de desatino.

as mulheres amadas  
na juventude fugaz  
    não envelhecem  
    não se corrompem  
    não morrem jamais  
preservadas intactas e belas  
na câmara ardente  
incandescente da memória.

recordações de fantasmas  
que já nos abandonaram

de amigos mortos  
que nos acompanham  
cada vez mais vivos  
de sustos e gritos  
de proscritos e malditos  
de agouros e assombrações  
de desdouros e sombras vãs, malsãs,  
oriundos dos porões escavados  
nos subterrâneos dos sobrados  
subterfúgios e refúgios  
da memória.

O passado poderoso e renitente  
retorna e continua vívido e presente  
se contorcendo se retorcendo  
e se recontecendo.

Teresina, 23.12.94

## **NOTURNO DE OEIRAS**

Meia-noite.  
Metade silêncio,  
metade solidão.

Atravesso a praça das Vitóriaias  
na hora dolorosa das doze badaladas  
punhaladas que também me atravessam.

Da casa de doze janelas  
doze donzelas me espiam com olhares  
que são setas de medo que  
assustam e extasiam.

Passadas pesadas  
nos assoalhos de tábuas  
dos rugosos sobrados se confundem  
com o batuque tuc-tuc e  
com o atabaque tac-tac  
de meu desengrenado coração.

A lua se esgueira e espreita  
das frestas das nuvens.

Os fantasmas caminham

solenes, devagar,  
visíveis e invisíveis,  
seres que são e não são.

No horto do Pé de Deus  
visagens rezam contritas.  
No horto do Pé do Diabo  
assombrações assombram  
bichos e visitas.

À distância a casa da pólvora  
vigia em sua solidez de pedra bruta.

Nos campanários de antigas igrejas  
algum falecido sineiro repica  
os sinos para si mesmo.

Uma sonata se evola  
de piano que já não existe.  
E persiste por pura teimosia.

O suicida se insinua  
no vão da escada de vetusto sobrado.  
Uma taça de prata tilinta e se despedaça ...

O relógio da catedral  
parou no tempo que continua:  
a pátina róí as bordas  
da ferida do mostrador e  
mostra a dor das doze badaladas.

Negros ainda esperam abolição  
absolvição nas cercanias do Rosário  
pelos pecados que não pecaram.

As pedras antigas do calçamento  
são percorridas por sombras  
feitas somente de alumbramento.

O vento que passa  
não é vento: é fru-fru  
de saia de pessoa morta  
ou hálito de porta  
de casa já demolida.

Da Madona lágrimas escorrem  
e chovem sobre os telhados ...

Oeiras navega na noite  
de um tempo que não termina.  
De um tempo sem medida, fugitivo  
de ampulhetas e relógios.

## **ROMPIMENTO**

Dedo em riste,  
muito feroz e muito triste,  
o homem, grosso e imundo, falou:  
– Lembra-te, tu já lambeste meu cu!  
A mulher, com gestos abstratos  
feitos do mais singelo recato,  
elegante e delicada, retrucou:  
Lambi, mas não lambo mais ...  
O homem quedou-se transformado  
em pesada estátua de pedra e dor.  
A mulher se foi  
– leve e evanescente –  
anjo que se libertou.

## **INSÔNIA**

No silêncio abissal  
da noite estagnada  
a engrenagem pesada  
do tempo se desenrola  
e desaba sobre mim.

As botas cadenciadas  
das horas marcham  
- lentas lesmas –  
marcham infinitamente  
na noite sem fim...

## **NA NOITE**

Na noite  
um sapo coaxa.  
Uma puta triste  
acha graça. Acha graça.  
Um galo

às desoras desfere um canto  
fora de hora. E chora.  
Um cão ladra por nada:  
nenhuma cadela no cio.  
O silêncio  
grita como louco  
na concha acústica  
dos labirintos dos ouvidos moucos  
por onde um Teseu lasso caminha  
em busca do Minotauro – perdido  
sem o fio de Ariadne –  
conduzido por outro fio  
que parte / se parte e  
se reparte entre o ser  
e o não ser.  
E os gritos de Teseu  
arrancam ecos  
que já ecos de si mesmos  
se repetem se repetem  
até a mais completa  
absoluta exaustão.

## **LÍRICA 2.222**

Eu vi teus olhos  
de pedras verdes musgosas,  
dissolvendo-se em líquido  
no verde móvel do mar.  
Teu corpo vi tomando  
a forma da praia  
e a tua voz assumindo  
a cadência da música  
das ondas.

De você me veio  
uns longes veios de saudades  
e maresias  
invadindo meu ser.

Os teus cabelos  
eram loiras algas,  
encrespadas em ondas do mar.

As curvas  
da terra e do mar



são apenas projeções  
da poesia selvagem de teu corpo.

Sim, sinto ainda te amar  
a leste, oeste, ao vento e ao mar,  
com a mesma paixão incontida  
de um gesto feito de raiva,  
do tempo em que eu tinha  
a inocência e o pecado  
de um deus feito de pedra.

Pba, 19.03.78

## **REALIDADE FANTÁSTICA**

Velhas borboletas empoeiradas  
saídas do fundo dos baús.

Velhas borboletas obsoletas  
e de  
asas

enferrujadas querendo  
aprender de novo a arte de

bor- bor- bor-  
bo- bo- bo-  
le- le- le-  
to- to- to-  
a- a- a-  
vo- vo- vo-  
ar. ar. ar.

Lâmpadas

votivas destroçadas, estrelas  
cadentes geladas, luzes  
apagadas pelos inimigos da  
claridade.

Antigos

alfarrábios cheios  
de traças e cupins  
com as amarelas  
páginas dissecadas  
reescritos.

## **VENTO NA ALMA E NOS CABELOS**

De Parnaíba jamais esquecerei  
o vento dedilhando a harpa eólia

da palma dos coqueiros  
e uma música divina destilando.  
Jamais esquecerei a ventagonia fiando  
e desfiando os novelos de meus cabelos  
encrespados em espumas e salsugens  
e arrastando minha alma  
– veleiro de aventureiros e corsários  
bandoleiros e libertários –  
pelo largo mar onde  
onda após onda  
o sonho vai quebrar.

Pba. 29.07.89

### **AS MOSCAS E O TEMPO**

Moscas douradas  
copulam no ar  
e tecem teias  
com fios longos de pensamentos,  
que se perdem  
em passado sem história  
e em futuro sem  
perspectivas.  
Moscas vermelhas  
copulam no chão  
e as mulheres  
surgem no matagal  
e as camas estremecem  
nas alcovas.  
Moscas azuis  
copulam no céu:  
só existem  
anjos e arcanjos  
onde a matéria  
não existe.

Pba, 02.04.78

### **ELEGIA A CAMPO MAIOR**

Na paisagem plana do tabuleiro  
campeava sozinha a solidão.  
Ao longe, nas manhãs de inverno,  
a serra cachimbava suas névoas.

As névoas se misturavam com as nuvens  
que rondavam sobre o cume.  
As águas mortas do açude  
tudo viam e tudo refletiam.  
À tarde o aboio dolente do vaqueiro  
partia a solidão que tudo presidia.  
E o aboio sem resposta  
– eco de si mesmo – repetia-se e se extinguia.  
O canto rascante e áspero de grilos e cigarras  
arranhava o veludo macio do silêncio.  
Os cupins espalhados pelo tabuleiro  
eram pedras de um jogo em que a  
tristeza jogava paciência com a solidão.  
E a palma da carnaúba acenava  
para vivalma que nunca partia ou  
para um fantasma que jamais chegava.  
O menino em seu cavalo de talo de carnaúba  
campeava seu rebanho de nada  
pela fazenda do não-ser.  
Campeava seu rebanho de bois de jatobá  
por entre manadas de formigas  
que pastavam tapetes de babugens  
por entre cupins que erigiam moradas  
de solidão na solidão da chapada.  
E a serra se erguia do plano descampado  
cachimbando suas névoas  
para um céu que sequer olhava.  
Cachimbando suas brumas  
como um Sinai que fumegasse.  
Diz a lenda que a serra é uma cidade  
encantada. Diz o povo que em suas encostas  
vagam fantasmas penados em busca de furnas  
de ouro. Mas nas cavernas apenas a onça  
faz morada.  
Mas o menino ainda assim esperava pelo  
desencantamento da serra em vão esperado.  
Porque o menino era um poeta  
que campeava pelo campo do sem fim  
o seu rebanho de sonho e solidão.

## **SOU POETA**

Também sou poeta,  
Alcides Pinto,  
sou poeta.

E estou de mal com a vida  
que nos acena  
com miragens  
que jamais irá cumprir.  
Sou poeta, Alcides Pinto,  
nunca neguei, sou poeta.  
Mas sou puto com a vida,  
megeira encarquilhada  
que nos acorda dos sonhos  
que sonhamos acordados  
pelo prazer de ser ma'drasta.  
Sou um poeta  
da vida, das putas,  
das lavadeiras, dos ladrões,  
dos assassinos, dos botequins  
de cachaça, das (in)confidências  
mineiras, dos deserdados da sorte,  
dos enteados da vida.  
Sou um poeta  
das putas  
mas não sou pu(e)ta  
dos políticos  
que tanto mentem  
pro povo  
que tanto enganam  
o povo.  
Não sei de  
    física.  
Não sei de  
    metafísica.  
Sei de  
    metabolismo basal  
e sei que o povo  
passa fome.  
Sei que  
algum dia o  
te'ar'pão  
virá tecido no (te)ar  
pelo arpão do povo  
e pão haverá.  
Sei que  
alguma coisa está errada  
porque o povo era pra ser  
tudo  
e agora não é nada.

Sei que  
existem pássaro e flor  
e sei  
que o amor existe:  
mas pássaro é canto, é liberdade,  
e flor é vida, é alegria,  
e o amor é tudo  
mas tudo  
está morto e triste  
como uma catacumba  
encravada  
nas masmorras do inferno.

Quero  
aproveitar a oportunidade  
para comunicar a quem interessar  
possa ou não, e deixar registrado  
– ad infinitum –  
com certidão passada em cartório  
que o sofrimento do povo me deixa  
triste e me incomoda, e que  
– saibam todos – no dia em que eu  
disser o contrário o irártnoc  
nesse dia – por medo – estarei  
mentindo (e por favor não me  
acreditem/creditem)  
ou então  
me terão feito  
uma lavagem cerebral.  
Sou poeta,  
Alcides Pinto, sou poeta,  
juro que sou poeta.

## **PINTURA**

Minha estrada  
é a esteira de luz  
que o Sol traça no mar.  
Meu arco-do-triunfo  
é o arco-íris  
que o Sol pinta no céu.  
Meu louro  
é o pentelho dourado  
que cobre tua nudez.  
Então eu:  
laureado com tua pubescência de ouro

percorro a estrada de luz do sol no mar  
passo por baixo do arco-íris-do-triunfo:  
herói anônimo que se venceu a si mesmo.

## **COISA NENHUMA**

Meus olhos jogados ao  
acaso como pedaços  
de espelho quebrado.  
Meus cabelos arrancados  
flutuando como  
cabelos do vento.  
Minhas mãos decepadas  
acenando em vão e em vão  
apertando coisa nenhuma.  
Minha cabeça atirada  
numa lata de lixo  
onde o lixo era ela.  
Minhas células espalhadas  
por uma tempestade que  
partiu de mim.  
Os pedaços de meu  
corpo mutilado depois  
se agregam como antes,  
exceto a cabeça.  
(Ai! Dalí, Dalí, Dalí...  
O meu corpo sem cabeça,  
como o Farmacêutico de Ampurdán,  
anda à procura de coisa nenhuma.)

Parnaíba, 78

## **AMOR CONCRETO**

no vór-  
    ti-  
    ce voraz  
dos abrasados amantes abraçados  
o amor se faz  
in-tenso e tenaz  
no êmbolo inserido no  
    ver    tiginoso  
    vér    ti  
    ce  
inver    tido

Te. 05.12.92

### **METAPOEMA**

As meadas e as palavras  
são labirintos e teias.  
Nelas os poetas se elevam;  
nelas as moscas se enleiam  
e se debatem em vão.  
Os poetas são.  
As moscas, não.

### **MUSA MEDUSA**

Sem arautos  
sem pajens e sem bagagens  
inesperadamente chegaste  
sem anúncios e sem presságios  
egressa de sonhos e miragens  
e tão inesperadamente te foste  
no mesmo sonho que te trouxe.  
E na dor  
intrusa que me restou  
a Musa se fez Medusa.

Te. 09.08.95 – 1h

### **3 POSTAIS DE PARNAÍBA**

#### **POSTAL I**

As águas podres  
da vala da Quarenta  
tomam banho nas águas puras do Igarapu,  
nas imediações da Munguba,  
onde bêbados pobres de dentes podres  
dizem coisas doces por entre  
o bafo azedo de vômito e de cachaça.  
Um bolero, o tilintar de copos, os ruídos  
da noite e os gemidos de camas e casais  
completam as cenas e o cenário.

#### **POSTAL II**

No cais da beira-rio  
lavadeiras sem roupas  
lavam as roupas dos ricos.  
O vento brinca de pegar  
parelha com o Igarapu  
e venta vadio no ventre  
das velas dos veleiros e  
verga suas vigas entre  
vagidos e volatas.  
À noite filhos-de-papais  
tomam cerveja e Coca-Cola  
encostados nos carrões,  
enquanto as lavadeiras  
passam as roupas lavadas.  
A noite passa. Passa o vento.  
Passa o rio, o riso/rosa  
rápido passa.

### POSTAL III

Hoje o Porto Salgado  
sal' do nominal  
do naufrágio  
de uma barça de sal  
é salamargo na lembrança  
dos vareiros e embarcações.  
E a água do Igarapu  
é uma lágrima de saudade  
(ou sal' dade?)  
do fastígio de outrora.  
Os parques barcos são  
poemas de chegadas e partidas  
e símbolos da decadência.

### PERDIÇÃO

Por mares de sargaços e enganos  
perdi-me na rota  
de estranhos portulanos  
feitos por arcanos d'antanho.  
Por causa de lábios  
que falavam de amor  
seguindo incertos astrolábios  
soçobrei nas tormentas  
de algum cabo Bojador.



Egresso de Sagres  
dancei a Dança dos Sabres  
no mapa de meu destino.  
Nas garras da ventania  
joguei um jogo de morte  
em que tudo se perdia.  
No derradeiro naufrágio  
encontrei enigmas e presságios  
nos búzios que no abismo havia.  
E tudo se findou  
num veleiro encalhado  
em mar de absoluta calma.

Te. Dom. 07.10.90 – 03h

## **LAGOA DO PORTINHO**

As dunas de alva areia  
parecem um encantamento  
onde encantada sereia  
viesse seu (en)canto soltar.  
Na beira da lagoa  
uma trigueira lara  
no espelho de água clara  
fica a se pentear,  
desfiando longa mágoa  
de rainha e de mãe d'água.  
O sol joalheiro arranca  
das filigranas da água  
cintilações de jóias e de  
estrelas nas noitescuras  
sem lua lua luar,  
enquanto em canto  
a brisa dedilha  
na lira lírica  
das palmas dos coqueirais  
músicas de (a)mar e (sonh)ar.  
Veleiros de velas aladas deflagradas  
hibridoanfibiamente passam  
em elegante naveoar.  
A lagoa e as dunas de areia  
têm curvas caprichosas  
como a geografia das lindas mulheres fatais.  
Meu  
sonho/nave navega

nave na vaga do vento  
no descaminho  
do alumbramento  
e da magia da  
Lagoa do Portinho.

## **DESIDERATA (\*)**

*(colagens)*

Bebe teu vinho,  
come teu pão,  
agradece pelos amigos  
e apazigua teu coração.  
Nada temerás,  
pois o Senhor é teu pastor  
e nada te faltará.  
Nas mãos de Deus deposita  
teu coração e descansa.  
Sem o sal sutil e sublime do amor  
os mais sagrados sentimentos serão  
simples sinos de latão.  
Muitas pessoas, assim como as estrelas,  
precisam apenas ser percebidas.  
Dá-lhes um pouco de atenção.  
Mesmo as mais longas e heróicas jornadas  
começam com o pequenino passo inicial.  
Começa, pois, tua missão.  
Observa a beleza das coisas e sê belo,  
ao menos em espírito ou no desejo de ser.  
Distribui prodigamente o teu sorriso  
e a tua palavra amiga, que nada te custam,  
e no entanto têm valor incalculável.  
Vive o tempo presente,  
da melhor forma que puderes.  
Não te perturbe o passado,  
fantasma que não virá, nem o futuro, espectro  
das coisas que ainda virão, se é que virão.  
Sê bom e caridoso contigo mesmo:  
lança o bumerangue da bondade e da caridade,  
que te há de retornar maior e melhor.  
A ninguém te compares,  
para que não fiques vaidoso ou amargurado,  
porque hão de existir  
maiores e menores,  
melhores e piores do que tu.

Diz a tua verdade e a dos outros escuta:  
todos têm a sua verdade, mesmo os tolos e insensatos.  
Foge do ruído e da pressa e mergulha na paz do silêncio.  
Evita os barulhentos e agressivos,  
para o bem de teu espírito.  
Sem deixares de ser tu mesmo,  
mantém boas relações com todas as pessoas.  
Desfruta de teus êxitos e de teus projetos.  
Por mais humilde que seja,  
mantém o interesse em tua profissão,  
pois ela é a tua dádiva e a tua fortuna.  
Por causa dos enganos e armadilhas, sê cauto,  
mas não esqueças que a virtude existe e predomina.  
Em todo lugar existe bondade e heroísmo.  
Não enganes a ti mesmo e não finjas afeto,  
mas não sejas cínico no amor.  
Malgrado as asperezas e desenganos,  
o amor é perene como o próprio tempo  
e nenhum dom é maior do que ele.  
Segue o conselho dos anos, e ativa  
e docilmente abandona as coisas da juventude.  
Aprimora e cultiva a força de espírito,  
para não fraquejares na adversidade.  
Muitos temores são filhos da fadiga e da solidão.  
Sobre uma benéfica disciplina,  
sê tolerante contigo mesmo e com os outros.  
Assim como as plantas e as estrelas,  
és uma criatura do Universo  
e mereces estar aqui.  
Ainda que te pareça errado,  
o Universo se desenvolve como deveria.  
Mantém a paz com Deus,  
como quer que o concebas.  
Não obstante todos os percalços  
e acidentes de percurso,  
mantém a paz com tua alma.  
Apesar das ruínas  
e dos sonhos malogrados,  
este é um mundo maravilhoso.  
Sê prudente e esforça-te  
para ser feliz.

-----  
(\* ) *Poema baseado na Bíblia, na Desiderata de Max Ehrmann e em outros textos.*

## **AUTOBIOGRAFIA**

Após seguir os mais ásperos caminhos,  
Napoleão avesso, eu próprio me coroei  
com uma coroa de cravos e espinhos.  
Subi montes, rompi charcos,  
atravessei grutas sem luz,  
com os ombros esmagados  
ao peso de férrea cruz.  
Em noites de névoas e luas  
sofri e cantei perdido nos lupanares.  
Em dias de sol escaldante e incandescente,  
fui casto Dante  
e Baudelaire delirante e indecente,  
pelas tardes mornas de ressacas e orgias.  
No Olimpo a que subi em busca  
dos mitos, à procura de Zeus,  
pregaram-me numa cruz onde  
puseram irônica tabuleta: “Rei dos Judeus”.  
Por frígida e pálida manhã,  
envolto em solidão e neblina,  
rasguei e perdi minha toga purpurina.  
Cheio de ódio e de amor,  
sorvendo taças e mais taças  
de bebida balsâmica e malsã,  
nos bordéis de Eros, nos templos de Pã,  
e nos palácios dourados de Mefisto,  
onde sucumbo e resisto,  
no meio de mentira e desengano,  
fui Satã,  
fui Cristo,  
fui Humano.

Te. 17.11.95 – 04:25h